

CARLOS MAGNO

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador
Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro
William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico
Luís Antônio Francisco de Souza
Marcelo dos Santos Pereira
Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen
Paulo Celso Moura
Ricardo D'Elia Matheus
Sandra Aparecida Ferreira
Tatiana Noronha de Souza
Trajano Sardenberg
Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos
Anderson Nobara
Leandro Rodrigues

GEORGES MINOIS

CARLOS MAGNO

TRADUÇÃO
NÍCIA ADAN BONATTI



Título original: *Charlemagne*

© 2010 Perrin, Paris
© 2024 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

M666c Minois, Georges

Carlos Magno / Georges Minois; traduzido por Nícia Adan Bonatti. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Tradução de: *Charlemagne*
ISBN: 978-65-5711-223-6

1. História. 2. Europa. 3. Idade média. 4. Sacro Império Romano-Germânico. 5. Carlos Magno. I. Bonatti, Nícia Adan. II. Título.

2024-1379

CDD 940
CDU 94(4)

Editora afiliada:


Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe


Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 – O MITO DE CARLOS MAGNO: MIL ANOS DE METAMORFOSES (1000-2000)	5
<i>A ressurreição do ano 1000: o imperador germânico; São Carlos Magno? (1165); Carlos Magno como ancestral dos reis da França; Um homem para cada estação: cruzado, cavaleiro, universitário (séculos XII-XV); Carlos Magno, príncipe dos humanistas; Século XVII: a remitificação de Carlos Magno; Século XVIII: o herói das Luzes... e do anti-Iluminismo; Napoleão: “Eu sou Carlos Magno”; Carlos Magno romântico; Carlos Magno mestre-escola e objeto de estudo; Carlos Magno nazista e colaborador; Carlos Magno, emblema da União Europeia</i>	
2 – DO MITO À REALIDADE: ESTUDO DAS FONTES (SÉCULOS IX-X)	57
<i>Os diplomas oficiais; Os capitulares; Os Annales Regni Francorum; Outros anais e liber pontificalis; As cartas de Alcuíno; O codex carolinus; As crônicas e seus limites; Eginhardo, testemunha privilegiada?; A Vita Caroli, texto de referência; Notker, o Gago: uma fonte acessória</i>	
3 – A EUROPA EM MEADOS DO SÉCULO VIII: DOS MEROVÍNGIOS AOS CAROLÍNGIOS	97
<i>As invasões germânicas (séculos V-VII); A Europa entre romanidade e germanidade; A conquista árabo-muçulmana e seu impacto (séculos VII-VIII); O reino franco: dos merovíngios aos pepínidas; Carlos Martel, “vice-rei” (714-741); Pepino, coroado rei</i>	

dos francos (751); O papa na França (754); As campanhas da Itália (755 e 756); Os vizinhos: Saxônia, Baviera e Bizâncio; Morte de Pepino, o Breve (768)

4 – UM REINO DIVIDIDO: CARLOS MAGNO

E CARLOMANO (768-771) 139

O reino em 768: Economia e sociedade; Um Estado multinacional; Desentendimento fraterno; Projetos de casamentos lombardos (769-770); A morte de Carlomano (4 de dezembro de 771)

5 – SUCESSOS E FRACASSOS DE UMA POLÍTICA

EXPANSIONISTA (772-780) 163

772: primeira campanha na Saxônia; 773-774: a campanha da Itália e a anexação do reino lombardo; 775: prioridade para a Saxônia; 776: guerras-relâmpago na Itália e na Saxônia; 777: Paderborn e os preparativos da guerra da Espanha; 15 de agosto de 778: Roncesvales; 779-890: uma retomada pelo direito e pela guerra

6 – A AFIRMAÇÃO DO PODER: SAXÔNIA, BAVIERA,

ITÁLIA (781-788)..... 197

A frutífera estadia italiana de 781; Derrota de Süntel e massacre de Verden (782); 783: duas vitórias, um casamento e dois funerais; Submissão e conversão forçada da Saxônia (784-785); Interlúdio litúrgico, distúrbios internos e externos (785-786); Carlos Magno e Offa: o entendimento cordial; Do Benevento à Baviera (787-788); Novamente o problema italiano; Os ávaros e os aquitanos (788)

7 – A CALMA E A TEMPESTADE (789-793) 237

Demonstração de força contra os eslavos (789); A Admonitio generalis: um projeto de sociedade (789); Divulgação de instruções; 790: nada?; O incêndio em Worms e os trabalhos em Aachen; 791: a campanha contra os ávaros; 792: Annus horribilis; 793: saxões, sarracenos e carestia

8 – GUERRAS DE USURA E COMBATES

POLÍTICO-RELIGIOSOS (794-799) 273

A luta religiosa contra Bizâncio: os Livros carolíngios; O Concílio de Frankfurt (794): o amálgama político-religioso; Morte de Fastrada e ressurgimento dos problemas saxão e ávaro (794 e 795); Um papa sob influência: Leão III; O ouro do ring (796); Pai e filho; Os problemas anglo-saxões (796); Guerra e paz na Saxônia (797); Campanha contra os Nordliudi e as novas embaixadas (798)

9 – 800: CARLOS MAGNO IMPERADOR	311
<i>O atentado de 25 de abril de 799; O encontro de Paderborn (verão de 799); Os casos de sempre: saxões, ávaros, sarracenos, bretões; Os deslocamentos do ano 800; Roma, 23 de dezembro: humilhação do papa, exaltação do rei; A encenação da coroação imperial (25 de dezembro); O imperador e o papa: uma questão de relação de forças; Uma noção estranha à cultura franca; Imperador de qual império? A natureza incerta do novo regime</i>	
10 – OS DEVERES DE UM IMPERADOR (801-805)	355
<i>Uma embaixada de Bagdá; Carlos Magno e Harun al-Rachid; Tomada de Barcelona (801); Flerte com Bizâncio; O capitular de março de 802: sermão ou programa político?; O juramento de 802 e os novos missi; Os capitulares: votos piedosos?; A misteriosa visita do papa e o início da rendição; A fome e o capitular de Thionville (final de 805)</i>	
11 – UM FINAL DE REINO DIFÍCIL: DECADÊNCIA DO PODER, MORTES E ÚLTIMOS ACERTOS (806-814)	393
<i>A Divisio regnorum de 6 de fevereiro de 806; Os capitulares de Nijmegen: os missi chamados à ordem (março de 806); Escassez crescente de soldados (807-808); Os anos cinzentos: 807, 808, 809; Um ano negro: 810; Um testamento meticuloso; 811: a inspeção das defesas costeiras; Os últimos anos (812-813); A coroação de Luís (setembro de 813); Morte de Carlos Magno (28 de janeiro de 814)</i>	
12 – CARLOS MAGNO E SEU IMPÉRIO: DIVERSIDADE DE PAÍSES E FRAQUEZAS DAS TROCAS	439
<i>O imperador e a percepção espacial de seu império; Quinze a vinte milhões de súditos: uma relativa escassez de mão de obra; Um mosaico linguístico e cultural; Países com status diferentes; A economia a serviço da política e da religião; A moeda, um instrumento de unificação; Obstáculos e limites das trocas comerciais; O pequeno mundo dos mercadores</i>	
13 – CIDADES E CAMPOS: UM IMPÉRIO RURAL À BEIRA DA PENÚRIA	475
<i>As explorações agrícolas: a documentação; Estrutura da villa carolíngia; Um campesinato com estatuto variado; Uma degradação da condição camponesa?; Uma</i>	

economia de escassez, sempre à beira da fome; O capitular De villis, programa econômico de Carlos Magno; Uma rede urbana pobre

14 – CARLOS MAGNO: O HOMEM E O SOBERANO 513
Força e simplicidade; Mulheres e filhos; Sensibilidade e bom senso; Os letrados do palácio; A Academia Palatina e as escolas; Uma devoção formalista e utilitária; Um regime cesaropapista

15 – O GOVERNO E A ADMINISTRAÇÃO 547
Uma aristocracia turbulenta e rebelde; Laços pessoais com os súditos: a vassalagem; O juramento e a preocupação de unidade; Assembleias e capitulares; Uma monarquia itinerante?; O palácio: uma administração restrita; Finanças reduzidas; Condes e missi

16 – GUERRA E PAZ: EXÉRCITO E CULTURA, INSTRUMENTOS DO PRESTÍGIO 585
O homem de ferro; Recrutamento e organização do exército; O cristianismo e a lei da guerra; Um mundo de violência e superstições; Bispos e abades, engrenagens administrativas e religiosas; A escrita como expressão da cultura; Cartas: a primazia da forma sobre o conteúdo; Artes na medida do império

CONCLUSÃO – CARLOS MAGNO: O PRIMEIRO EUROPEU OU O ÚLTIMO ROMANO?..... 625

CRONOLOGIA 635
Lugares de residência de Carlos Magno no Natal e na Páscoa segundo os Annales Royales

CRONOLOGIA GERAL SINÓPTICA 641

MAPAS 643

QUADROS GENEALÓGICOS 653

BIBLIOGRAFIA 657
Fontes impressas; Estudos e trabalhos sobre Carlos Magno e seu reino

ÍNDICE ONOMÁSTICO 667

INTRODUÇÃO

Carlos Magno é um desses gigantes da história que, como Alexandre, César e Napoleão, deixaram uma marca indelével na memória coletiva. Todos eles deram origem a lendas e mitos, o que é a suprema consagração da carreira de um grande homem, e o faz entrar no panteão dos heróis.

Para o historiador, essa marca de glória é ambivalente: por um lado, é reveladora da evolução cultural e, portanto, um interessante tema de estudo; por outro, é um envelope pesado que encobre a verdade histórica do personagem e torna muito mais difícil o acesso à sua existência autêntica, que deve ser o objeto de uma biografia. O caso de Carlos Magno é um caso típico disso. Como se pode acessar o “verdadeiro” Carlos Magno após as historietas imaginárias de Notker, as ficções épicas das *Canções de Rolando*, as piedosas imagens laicas do imperador visitando escolas? Durante 1.200 anos, a figura de Carlos Magno tem sido incessantemente recuperada, usada e manipulada, até seu último avatar, que consiste em fazer dele o pai da Europa, uma espécie de fusão de Adenauer e De Gaulle, que, de seu palácio em

Aix-la-Chapelle, não muito longe de Bruxelas, concilia os mundos germânico e francês.

Não constitui a menor dificuldade de uma biografia de Carlos Magno libertá-lo das sucessivas camadas de interpretações e manipulações orientadas que o tornaram um porta-voz de quase todas as orientações políticas desde a Idade Média. Mas essas metamorfoses do imperador do Ocidente através dos tempos são, elas próprias, elementos reveladores da evolução cultural, e como tal merecem ser relatadas. Portanto, iniciamos este livro com um resumo da história do mítico Carlos Magno, desde a abertura de sua tumba, no ano 1000, até a entrega do Prêmio Carlos Magno, no ano 2000. Retomar essa história é, ao mesmo tempo, desbravar as camadas arqueológicas sob as quais se encontra o “verdadeiro” Carlos Magno.

Mas o que resta? Ainda é possível reconstituir – nem falemos de ressuscitar – o grande carolíngio do ano 800? Para responder a essa pergunta, num segundo capítulo faremos um exame crítico das fontes disponíveis, a fim de ver o que delas pode ser extraído. A massa de documentos, anais, crônicas, correspondências, é mais importante do que se poderia pensar para um período tão distante e alegadamente bárbaro. Evidentemente, as precauções são necessárias, mas, desde que as regras elementares da crítica histórica sejam respeitadas, pareceu-nos que uma biografia razoavelmente precisa e completa desse personagem poderia ser produzida, sem o que não teríamos empreendido este trabalho.

Esta não é nem a primeira nem a última tentativa, longe disso. Sem conjecturar sobre as que virão, já há uma infinidade de biografias de Carlos Magno, das quais cerca de trinta são dignas de atenção, e uma dúzia ou mais de muito boa qualidade, até a mais recente, em inglês, publicada em 2008, pela professora Rosamond McKitterick. Então, por que outra? Esta é uma questão ritual e legítima quando se trata de assuntos históricos repisados. Neste caso, a resposta é bastante simples: nenhuma das boas biografias de Carlos Magno publicadas até o momento é uma verdadeira biografia. São frequentemente excelentes trabalhos sobre os acontecimentos do reino e seu contexto, às vezes estendidos a todo o período carolíngio, ou estudos críticos muito eruditos sobre as fontes (como no caso do livro de McKitterick). Procedem-se por temas: Carlos Magno e os saxões, Carlos Magno e os lombardos, Carlos Magno e os ávaros, Carlos Magno e a Igreja, e assim por diante.

Dessa forma, o personagem é cortado em pequenos pedaços, às vezes muito dispersos, o que dificulta a reconstrução de sua vida.

Em nossa opinião, uma biografia, no sentido estrito, só pode ser cronológica. Uma vida se desenrola com o tempo, do começo ao fim, tornando-se gradualmente mais rica com o ritmo das experiências, felizes ou infelizes, e a vida de um soberano não é exceção a essa regra. Cortá-la em fatias verticais introduz uma clareza artificial que não permite reconstruir a evolução de um ser humano: é a dissecação de um cadáver. Como todo soberano, Carlos Magno tem que lidar com muitos problemas ao mesmo tempo, e essa simultaneidade deve ser levada em conta para compreender suas reações e decisões.

Uma biografia medieval certamente apresenta problemas específicos, devido ao caráter estritamente esquemático da documentação e à ausência de fontes relacionadas à vida privada e à infância. É por isso que concordamos plenamente com a conclusão de Hervé Martin, em seu notável trabalho sobre as *Mentalités médiévales*, quando ele escreve, no que diz respeito às biografias: “As histórias de vida nos parecem constituir uma das formas mais seguras de renovar a história das mentalidades e dar-lhe um segundo sopro, desde que não se fique preso a narrativas lineares e se conceba biografias estruturais, [...] todo indivíduo se inscreve em um campo de forças, que o molda e no qual ele imprime sua marca, em uma troca contínua”. Jacques Le Goff deu um exemplo brilhante disso em seu *São Luís*.

Dito isso, Carlos Magno apresenta um problema particular, na medida em que a documentação a seu respeito é muito mais lacunar e heterogênea, a ponto de Jean Favier, autor de um *Charlemagne* em 1999, ter declarado em sua introdução: “Devo dizer ao meu leitor: a palavra biografia é inadequada para um livro sobre Carlos Magno”, e dez anos depois Rosamond McKitterick escreveu: “Mesmo com a ajuda de Eginhardo, não teria sido possível apresentar este relato de seu reinado como uma biografia”. Então, o empreendimento está condenado ao fracasso? Deixamos para cada leitor a tarefa de dar a resposta a esta pergunta. O que tentamos fazer é mesmo uma biografia e, para isso, depois do estudo do mito e das fontes, retraçamos o mais fielmente possível a vida e o reino de Carlos Magno, de modo cronológico e seguindo atentamente os documentos, em nove capítulos, antes de consagrar cinco à síntese dos aspectos econômicos, sociais, políticos,

administrativos e culturais desse reino. Se essa parte temática já foi objeto de estudos notáveis sobre o mundo carolíngio, a parte cronológica é, ao nosso conhecimento, a primeira tentativa. Os dois aspectos se complementam, às vezes se repetem, e isso é inevitável, mas esperamos que deles venha a emergir um retrato coerente desse personagem, que é um marco importante na edificação da cultura europeia.

O MITO DE CARLOS MAGNO: MIL ANOS DE METAMORFOSES (1000-2000)

Ano 1000, domingo de Pentecostes. Pode-se imaginar um momento mais propício para efetuar um gesto simbólico? Era o que pensava Oto III, imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Vindo de Magdeburg para Aachen,¹ ele ordena a escavação no solo da famosa basílica para abrir a tumba de Carlos Magno. O problema é que a localização exata da tumba não é mais conhecida. Antigamente ela era marcada por um monumento, destruído pelos normandos em 881, e que nunca mais foi reconstruído. Segundo a crônica de Thietmar de Merseburg, escrita logo após o evento, por volta de 1012-1018, Oto, “sem saber o lugar exato onde estavam os ossos do imperador Carlos, ordenou que secretamente se abrisse o chão da igreja no lugar onde se presumia que eles estavam, e depois que se cavasse, até que foram realmente descobertos em um sarcófago real. Ele tomou para si a

¹ Em francês, Aix-la-Chapelle. Fica no oeste do país, próxima à Bélgica e aos Países Baixos. (N. T.)

cruz de ouro que pendia do pescoço do morto e parte das roupas que ainda não haviam apodrecido; depois, colocou tudo de volta no lugar, com muito respeito”.

A cena é descrita com mais detalhes na *Crônica de Novalesa*, no Piemonte, escrita pouco depois de 1027, baseada no testemunho de um dos atores, Oto, conde de Lomello e conde palatino de Pavia, uma das três pessoas que acompanharam o imperador germânico ao túmulo: “O imperador Oto III, chegando ao lugar onde o corpo de Carlos havia encontrado uma justa sepultura, desceu rapidamente à cripta com dois bispos e com Oto, conde de Lomello; o imperador era o quarto”. O conde narrou assim: “Entramos e nos detivemos diante de Carlos. Ele não repousava deitado, como os outros cadáveres, mas estava sentado, como uma pessoa viva, numa espécie de trono. Usava uma coroa de ouro e tinha um cetro entre as mãos, que estavam cobertas por luvas; suas unhas haviam crescido e perfurado o tecido. Por cima dele havia um formidável dossel de pedra e mármore. Assim que chegamos, nós o perfuramos para poder transpô-lo. Ao entrarmos, sentimos um forte odor. Imediatamente, reverenciamos o falecido de joelhos e sem tardar o imperador Oto o cobriu com vestes brancas, cortou-lhe as unhas e arrumou tudo o que estava em desordem ao seu redor. A degradação não havia derrubado seus membros, mas lhe faltava a ponta de seu nariz; o imperador ordenou que se fizesse o reparo com um pedaço de ouro e retirou-lhe um dente da boca. Em seguida, restaurou o dossel e se foi”.

A RESSURREIÇÃO DO ANO 1000: O IMPERADOR GERMÂNICO

A cena, confirmada pelas *Anais de Hildesheim* e pela *Crônica* de Adémar de Chabannes, é impressionante. Não é surpreendente que tenha inspirado os românticos oito séculos e meio depois. Em 1847, a Comissão de Arte da Renânia-Vestfália organiza um concurso para a elaboração de um grande afresco que decoraria o salão real da prefeitura de Aachen, representando Oto III no túmulo de Carlos Magno. O pintor Alfred Rethel vence a competição, e sua obra, cujo desenho agora é preservado em Dresden, é marcante, dramática e macabra. Na penumbra de um cinza-esverdeado pálido, o cadáver de Carlos Magno, sentado em um trono e segurando o cetro e um globo,

é como um espectro misterioso, uma estátua do Comandante; um fino véu branco cobre seu rosto, cuja aparência emaciada, lívida, impassível e terrível pode ser adivinhada. O ancião barbudo tem um livro no colo, e ao seu lado estão pendurados sua espada e seu escudo. Os que assistem, cheios de admiração e de respeito diante dessa aparição de além-túmulo, se prosternam aos seus pés. A velha múmia parece estar prestes a se mover e falar.

O símbolo é muito forte. É uma espécie de ressurreição de Carlos Magno, que começa uma segunda vida, uma vida mítica. O imperador, cuja memória havia se dissipado gradualmente no tumulto que se seguiu ao colapso de seu império, a ponto de se perder o rastro de sua tumba, volta à vida. Uma vida espiritual, a de uma figura sagrada ou de um ícone, que será usada por mais de mil anos para justificar as mais variadas causas, até fazer dele o quase anjo da guarda da União Europeia.

Como em todos os mitos, porém, o imaginário supera o real, e o real é menos pitoresco que o imaginário. Carlos Magno foi enterrado rapidamente, no mesmo dia de sua morte, em 28 de janeiro de 814, e ninguém então se preocupou em montar essa cena macabra, que nenhuma fonte de primeira mão assinala, da qual não se veria a utilidade, e que não se teria tido tempo para realizar. O fato de ter sido imaginado que Carlos Magno foi enterrado sentado provavelmente deriva de uma confusão na leitura da *Crônica de Novalesa*, na qual se diz que o imperador estava “*in quandam cathedram ceu vivus residebat*”. A expressão *in cathedram residere* era usada para dizer sobre um bispo, não que estava inumado num trono, mas que ele usava seus ornamentos como se estivesse sentado em um trono. Thietmar, por outro lado, diz que ele estava *in solio regio*, o que pode muito bem significar um sarcófago real.

O fabuloso destino póstumo de Carlos, o Grande, desde o início é, portanto, colocado sob o signo do sagrado e do imaginário. Ele ainda não foi canonizado, mas suas unhas e um dente já foram tirados para serem transformados em relíquias; a cruz peitoral e o pequeno talismã que ele usava ao redor do pescoço também são retirados, para serem venerados por gerações de admiradores, e hoje fazem parte dos tesouros da Capela Palatina em Aachen e do Palácio de Tau em Reims. Após ter sido feita a limpeza, reequipado o cadáver com um nariz de ouro e colocado roupas limpas, cortado as unhas e arrancado um dente, a tumba é fechada. O redator dos *Anais de Hildesheim* se declara indignado com essa violação da sepultura, realizada

“contra as leis da religião divina”. Mas ele não avalia o imenso alcance simbólico do acontecimento. A partir daquele momento, Carlos Magno, que começa sua vida mítica, não pertence mais a si mesmo. Ele toma uma dimensão lendária, desproporcional à sua efêmera existência real, de 742 a 814.

Com esta ressurreição do ano 1000, o mítico Carlos Magno inicia uma carreira extraordinária, que acaba por obscurecer a realidade de sua vida física. Pode-se dizer que este é o caso de muitos grandes personagens. No entanto, é excepcional ver a lenda apagar a realidade a esse ponto. Para personagens mais recentes, o peso dos documentos históricos é tal que a lenda só pode tomar um voo limitado. Assim, a lenda napoleônica só pode se libertar da realidade, lembrada por uma infinidade de textos autênticos, em proporções bem restritas. A distância entre o Napoleão mítico e o verdadeiro Napoleão é relativamente modesta. Além disso, o mítico Napoleão é unidimensional; ele é o homem de um partido, de uma concepção da vida política, e nunca está muito longe daquilo que foi o homem real. Com Carlos Magno, ao contrário, a escassez de fontes e a espessura do tempo permitiram que a lenda elaborasse um personagem que só remotamente se relaciona com o filho de Pepino. Além disso, tendo vivido na era das trevas da Alta Idade Média, antes dos confrontos e debates que dividiram a Europa há mil anos, ele pode ser “recuperado” para todas as causas, todas as partes, todas as opiniões. Pode ser usado como referência tanto pelos partidários da monarquia absoluta quanto pelos do parlamentarismo, pelos da preponderância francesa, pelos da preponderância alemã, pelos do nacionalismo, pelos da União Europeia, pelos da escola pública, pelos da educação confessional, pelos do secularismo, pelos do cesaropapismo, pelos do Estado de direito e pelos da ditadura, pelos da cultura humanista e pelos da censura religiosa, pelos da guerra santa e pelos da *Realpolitik*, e muitos outros ainda. Cada um tem seu próprio Carlos Magno, e não há risco de ser contrariado por documentos históricos, que são ao mesmo tempo raros e exigem uma exegese meticulosa, na ausência da qual se pode fazer dizer qualquer coisa. Da mesma forma que existe um Jesus histórico, do qual não conhecemos quase nada, e um Jesus teológico, que emergiu de uma corrente de especulações em algumas páginas de textos duvidosos, também existe, guardadas todas as proporções, um Carlos Magno histórico, chefe bárbaro da família dos Pipinidas, que travou lutas obscuras nas florestas germânicas há 1200 anos, e um Carlos Magno mítico,

super-homem dotado de todas as qualidades, e que serve de caução para todas as causas. Quando a dimensão mítica atinge tais proporções, pode-se perguntar qual é o “verdadeiro” personagem, ou melhor, pode-se afirmar que os dois são “verídicos”. O personagem mítico é o arquétipo, no sentido que lhe dava Jung: pelo papel que ele desempenha na consciência coletiva e na consciência individual, é tão real quanto o personagem histórico. O Jesus teológico também é tão real quanto o Jesus histórico, ainda que, sem dúvida, nada tenha a ver com ele. O mesmo ocorre com os dois Carlos Magnos.

É por isso que uma biografia do carolíngio é necessariamente dupla, e nos parece normal começar pela vida do Carlos Magno mítico. A ordem lógica prevalece sobre a ordem cronológica. De fato, na medida em que durante mil anos é o caráter mítico que se impõe, acumulando sucessivas camadas de interpretações e manipulações, é ele que espontaneamente vem à mente. A primeira coisa a fazer é recompor as principais linhas da história desse mito para melhor medir o quanto o Carlos Magno da consciência coletiva contemporânea é fruto das deformações e manipulações dos políticos e intelectuais do último milênio, que usaram a imagem do imperador para defender as mais variadas causas. O resultado é um Carlos Magno caleidoscópico e quimérico, cuja carreira tem poucos equivalentes na cultura ocidental.

Essa carreira começa, de maneira lógica, como a de um campeão da causa germânica, e mais precisamente otoniana. O gesto de Oto III no Pentecostes do ano 1000 não foi obviamente motivado por simples curiosidade ou admiração, como dizem os *Anais de Hildesheim*. Está em consonância com a restauração do Império Romano empreendida em 962 por Oto I. Após a morte de Carlos Magno e o triste reinado de seu filho Luís, o Piedoso, o império tinha sido dividido em três pelo Tratado de Verdun, em 843. Após a desintegração da parte central, dois territórios se enfrentam: França e Germânia.

O título de imperador ainda é usado por alguns governantes medíocres, mas depois cai em desuso. A própria dinastia carolíngia acaba por afundar nos solavancos da política caótica dos séculos IX e X: na França Ocidental, ela desaparece pela primeira vez em 888, e depois definitivamente em 987, com a eleição de Hugo Capeto. Na França Oriental, ou Germânia, é um duque saxão – que vingança sobre Carlos Magno – que se torna rei em 919: Henrique I, chamado de Passarinheiro. Seu filho, Oto I, é coroado rei em 936, na capela do palácio de Aachen, em cima do túmulo do imperador. Durante a

cerimônia, ele aparece vestido em estilo franco e senta-se no trono de Carlos Magno. Guerreiro e conquistador, obtém uma grande vitória sobre os húngaros em Lechfeld, em 955, o que evoca a vitória de Carlos Magno sobre os ávaros. Ainda é preciso dar o último passo: em 2 de fevereiro de 962, Oto I é coroado e sagrado imperador do Santo Império Romano Germânico, em Roma, pelo papa João XXII. A nova entidade política, que durará oito séculos e meio, pretende-se global, reunindo elementos fictícios e reais em uma síntese heteróclita de pretensão universal: o império é cristão (santo), ficticiamente romano, e verdadeiramente germânico, mesmo que também englobe outros povos.

Para a ocasião, confecciona-se uma “coroa de Carlos Magno”, sem levar em conta o fato de que ele não usava uma. Mas veremos que o período não é muito cuidadoso quanto ao uso de falsidades. Foi essa coroa que Albrecht Dürer representou em 1512, em seu majestoso retrato de Carlos Magno, na Câmara das Relíquias em Nuremberg. O objeto é altamente simbólico, consistindo em oito placas de ouro articuladas entre si por dobradiças e reforçadas por dois círculos de ferro. As oito placas formam um octógono, ou seja, a intersecção de dois quadrados: um, com placas menores, representa a Jerusalém terrestre, e o outro, com placas maiores, a Jerusalém celeste. As placas da frente e de trás são adornadas com doze pedras preciosas, como a placa peitoral do sumo sacerdote no templo de Jerusalém: uma evocação tanto das doze tribos de Israel quanto dos doze apóstolos. As placas são alternadamente esmaltadas e sem esmalte, representando cenas com lendas que lembram as origens e deveres do poder imperial: Cristo em majestade (“É por mim que reinam os reis”), Davi (“A honra do rei é amar o direito”), Salomão (“Temei o Senhor e afastai-vos do mal”), Isaías (“Adicionarei quinze anos ao número de teus dias”). A placa dianteira é sobreposta por uma cruz, provavelmente acrescentada no século XI, assim como o arco que une as placas dianteira e traseira, o que permite que a coroa seja usada ao mesmo tempo que uma mitra: a dignidade imperial também tem uma dimensão sacerdotal.

A panóplia do imperador perfeito se enriquecerá no decorrer da Idade Média por outras falsidades de prestígio. Em 12 de março de 1350, o filho de Luís da Baviera entrega uma coleção inteira ao imperador Carlos IV de Luxemburgo: espada, túnica branca, manto vermelho, luvas bordadas, globo de ouro, tudo supostamente pertencente a Carlos Magno, é claro. Os reis

da França não ficam atrás: uma pesada “coroa de Carlos Magno”, feita no século XIII, destruída pelos *ligueurs*² em 1590 e imediatamente substituída por outra, também atribuída ao imperador; uma “espada de Carlos Magno”, cujas peças mais antigas são datadas do século X, e as mais recentes, do século XII, usada durante as coroações dos reis da França.

Oto, coroado rei em Aachen em 936, sagrado imperador em Roma em 962, inscreve-se na tradição carolíngia. Alguns dias após a sagração romana, ele confirma ao papado os territórios cedidos por Carlos Magno. A abertura da tumba, que permite a Oto III recuperar algumas relíquias no ano 1000, completa a afirmação explícita de uma filiação espiritual e política entre o grande carolíngio e o soberano da Germânia. A partir de então, Carlos Magno é a figura emblemática dos titulares do Santo Império Romano-Germânico. Aachen é a cidade da coroação até Carlos V e de seu irmão Ferdinando, em 1530. As moedas alemãs trazem a efígie do imperador, como o denário de Hersfeld em 1075, as moedas de prata cunhadas em Aachen no século XIII, as moedas de ouro e de prata do século XIV, e as de Frankfurt e Zurique no século XV.

SÃO CARLOS MAGNO? (1165)

Promovido ao *status* de fundador da potência imperial germânica, em 1165-1166 Carlos Magno alcançará uma honra de outra ordem: a santidade, ao mesmo tempo que também é considerado o defensor da independência do império em relação ao papado. Natal de 1165: O imperador Frederico I, também conhecido como Frederico Barbarossa (ou Barba Ruiva), está em Aachen com seu aliado Henrique II Plantageneta, rei da Inglaterra. Ambos têm problemas com o papa, Alexandre III, contra o qual Frederico apoia um antipapa, Pascal III. Para fortalecer sua causa, Barbarossa simplesmente decide canonizar Carlos Magno, no decorrer de uma encenação tão boa quanto a de Oto III. Trata-se de “exaltar”, ou seja, exumar o corpo do carolíngio, com o objetivo de glorificá-lo. Mas ele enfrenta o mesmo problema que

2 Membros da Liga, nos reinados de Henrique III e Henrique IV. A Liga era um partido de católicos cuja finalidade era proteger essa devoção do protestantismo, durante as guerras de religião francesas do final do século XVI. (N. T.)

seu antecessor: a localização do túmulo havia sido perdida novamente! Isso é bastante curioso, concernindo a uma tal celebridade, e num espaço tão restrito quanto a capela palatina... Mas o fato permite a Frederico mostrar que Deus está do seu lado: é por uma “revelação divina”, diz ele, que a localização do túmulo é encontrada, porque “o corpo santíssimo tinha sido prudentemente escondido por medo dos inimigos externos ou do inimigo íntimo [o diabo]”. Isto é o que ele escreve alguns dias depois, em 8 de janeiro de 1166, em um documento que confirma um falso ato de Carlos Magno em favor da cidade de Aachen. Nele, o soberano explica que o carolíngio levou uma vida santa: fundador de bispados, abadias e igrejas, dedicou sua vida à conversão de infiéis e pagãos, fez a peregrinação a Jerusalém (uma lenda generalizada no século XII), e, tendo assim sacrificado sua vida a serviço da fé, merece o título de confessor e mártir:

Ele desejou com toda a força de seu coração obter recompensas eternas, espalhar a glória do nome cristão, propagar a prática da religião divina; quantos bispados ele fundou, quantas abadias, quantas igrejas ele construiu, desde os alicerces, com quantas propriedades e benfeitorias ele as enriqueceu, com que grandes esmolos ele brilhou não apenas aquém dos mares, mas também além-mar: suas ações e os inúmeros grandes escritos que registram suas façanhas dão um relato mais detalhado, com uma evidente autenticidade. Para difundir a fé cristã e converter os bárbaros, ele foi um corajoso atleta e um verdadeiro apóstolo, como o atestam a Saxônia, a Frísia e a Westefália, mas também os espanhóis e os vândalos, todos eles convertidos à fé católica pela palavra e pela espada. E mesmo que a espada não lhe tenha tirado a vida, o tormento de vários sofrimentos, a incerteza dos combates, e a vontade cotidiana de morrer pela conversão dos pagãos são fatores que fizeram dele um mártir. E hoje o reconhecemos e o adoramos na terra como um santo confessor, que levou uma vida santíssima, que foi encontrar Deus depois de uma pura confissão e de uma verdadeira penitência, e que acreditamos estar coroado no Céu como um santo confessor entre os santos confessores.

Por isso, continua o imperador, “com o acordo e a aprovação do senhor papa Pascal e com a anuência de todos os nossos príncipes, tanto seculares como eclesiásticos, realizamos uma cerimônia solene no Natal, em Aachen,